DILEMAS/DISCURSOS SOBRE O PRECONCEITO NA OBRA *O MULATO DE ALUÍSIO AZEVEDO*[1]

Adriano Aguiar Batalha[2]

Mariana Rissi Azevedo[3]

RESUMO: O artigo tem como tema "Dilemas/discursos sobre o preconceito na obra *O Mulato*, de Aluísio Azevedo, tem como objetivo refletir sobre as situações discursos e como a população negra era vista na sociedade maranhense, levando em consideração alguns personagens ora relevantes para o assunto em discussão. A pesquisa valeu-se de um estudo metodológico bibliográfico, crítico e analítico, pautando-se nos seguintes aportes teóricos: Ashcroft (1998), Bonnici (2005, 2009, 2012), Fanon (2008), Guimarães (2012), Munanga (2015), Schwarcz (2001), entre outros, todos tratam de discussões acerca da temática em uma visão pós-colonial, tendo em vista que o trabalho é baseado na crítica citada. As ponderações, discussões teóricas, costurando-se com a análise de alguns fragmentos da obra colaboraram de forma significativa sobre o preconceito e discriminação em relação ao negro, que as qualidades ou virtudes não eram postas como importantes, mas o que os diferenciava era a cor de sua pela, muito retratada ainda na sociedade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Discriminação*; O* Mulato; Pós-colonialismo; Preconceito.

ABSTRACT: The article has as its theme "Dilemmas / discourses on prejudice in the work *O Mulato*, by Aluísio Azevedo, which aims to reflect on situations, discourses and how black society was seen in Maranhão society, taking into account some characters sometimes Relevant to the subject on screen. The research was based on a bibliographic, critical and analytical methodological study, based on the following theoretical contributions: Ashcroft (1998), Bonnici (2005, 2009, 2012), Fanon (2008), Guimarães (2012), Munanga), Schwarcz (2001), among others, all deal with discussions on the subject in a postcolonial view, since the work is based on the criticism quoted. The weights, theoretical discussions, sewing with the analysis of some fragments of the work collaborated in a significant way on the prejudice and discrimination in relation to the black, that the qualities or virtues were not put like important, but what differentiated them was the color of his own, still very much portrayed in contemporary society.

KEYWORDS: Discrimination. *O* Mulato. Postcolonialism. Preconception.

---

[1] Artigo científico apresentado à banca de examinadores do Curso de Letras do IEAA/UFAM como requisito obrigatório da disciplina de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso).

[2] Graduando e orientando do Curso de Letras: Língua Portuguesa e Língua Inglesa na Universidade Federal do Amazonas.

[3] Orientadora e professora do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente – IEAA/Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

INTRODUÇÃO

Pensar na discriminação e preconceito é trazer à tona as questões que os envolve, visto que perpassam aspectos históricos, culturais e sociais. O processo de colonização no Brasil teve fortes impactos nas populações negras, a ponto de serem colonizadas fortemente e terem passado por situações de duras explorações, mortes e sofrimentos. Tais condições os levaram a serem designados a serem visualizados como um grupo degenerado, incapacitado, sujo, excluindo-os totalmente da convivência social.

Com o passar dos tempos mudou-se as situações, revoluções foram feitas e decretos foram assinados, no entanto, ainda permaneciam as atitudes em relação ao negro. Em várias cidades e estados se perduraram tais ações. A literatura como ferramenta reflexiva trata desse tema em várias obras, todavia, o trabalho aqui exposto analisa a obra *O Mulato*, de Aluísio Azevedo. As ações contra os negros ocorrem em São Luís do Maranhão, vários personagens sofrem rechaço, como se vivessem na época do colonialismo. Apesar de ter passado a abolição, não se deixou de praticar atos violentos contra a população negra. O objetivo é refletir e colocar em pauta as situações, discursos e de como a população negra era vista na sociedade maranhense, levando em consideração alguns personagens hora relevantes para o assunto em discussão.

Vale lembrar que a crítica pós-colonial se vale das estratégias de releitura e reescrita, ultrapassa, ou melhor, transgredi a leitura feita pelo colonizador, ou seja, não é mais uma visão do centro para a margem, do Outro para o outro, do colonizador para o colonizado, mas é ao contrário. O olhar fenótipo não é mais validado, busca-se esclarecer de forma mais esculachada se assim podemos dizer, a verdadeira e cruel realidade dos colonizados.

A pesquisa valeu-se de um estudo metodológico bibliográfico, crítico e analítico, e segue uma análise da crítica pós-colonial, pautando-se nos seguintes aportes teóricos: Bosi (2006), Moisés (2009) e Sodré (1982, 1992) que traçam uma crítica literária sobre a obra, o autor em pauta de análise, e de como a narrativa é vista, acolhida e rica na temática a ser discutida; Ashcroft (1998), Bonnici (2005, 2009, 2012), Fanon (2008), Guimarães (2012), Munanga (2015) e Schwarcz (2001),

Esses tratam de questões coloniais e pós-coloniais em relação ao negro e seus contextos, e ainda, as características predominantes na sociedade colonial, os discursos pseudojustificativos, as experiências vividas pelos negros, o racismo no Brasil e o preconceito racial. Todos os autores colaboram de forma direta nas reflexões que constroem o grande tecido do texto, e ajudam a esclarecer fatos e ações advindas da sociedade burguesa, branca e colonizadora.

1. O NATURALISMO

O movimento naturalista teve curta duração no Brasil e nem mesmo houve um tipo de rompimento com o romantismo. Esse por sua vez continuou presente, porém sobre outros moldes. Vale lembrar que o naturalismo carregou características românticas, sendo não só um momento literário, mas uma posição diante da vida, agregado a propósitos fugidos de meras posições momentâneas e sem essencialidades.

A atitude realista perante a vida é transfigurada num processo literário (o naturalismo), esse não ocorreu por questões acidentais, por isso tem gênese no pensamento racionalista do século XIX, expressou não tão somente as exigências e os pensamentos da sociedade burguesa em sua plena ascensão, mas também suas contradições. Sodré (1982, p. 381-382) explícita tal contexto:

> De uma fase em que a burguesia se completara a sociedade passara a uma fase em que a burguesia se colocava de um lado e proletariado de outro, fase em que a Revolução Industrial generalizava os seus efeitos e ampliava as suas consequências, para isso utilizando elementos de acumulação a que já atingira. É uma fase em que os sinais positivos da ascensão burguesa começavam a desaparecer, progressivamente. Tal fase se caracteriza pelo despojamento do sentido liberal em política e pela violenta repressão dos movimentos populares que vai da derrota de 1848 à Comuna.

É Percebível contradições, enfrentamentos, e uma realidade de diversos conflitos devido à grande explosão e a manipulação política. Além disso, há a busca frenética de comprovar cientificamente a sociedade existente e os letrados que ora eram participantes ativos tem seus papéis revertidos, passando a serem simples telespectadores dos acontecimentos correntes.

O naturalismo, diante do enfrentamento entre a burguesia e o proletariado, buscou por meio da ficção e da crítica, trazer à tona a realidade ora vivenciada pelos europeus, principalmente o ambiente urbano, onde se figurava a acumulação de capital. No entanto, vivia na penumbra, fugia da demonstração de "[...] suas profundas dimensões e a profundidade social de seus motivos [...]" (SODRÉ, 1982, p. 384), assim definhava. Vale lembrar que o naturalismo da Europa não comparava-se àquele do Brasil, pois por mais que aqui estivesse ocorrendo a ascensão da classe média, desassemelhava-se da realidade apresentada na Europa no mesmo período. De forma mais específica dos acontecimentos locais correntes a partir da década de 1870, Sodré (1992, p. 191) suscita:

> Começam com o encerramento da guerra com o Paraguai, a fundação do Clube Republicano e do jornal. *A República*, e o lançamento do *Manifesto Republicano*, fatos do ano citado. Seguem, na seriação cronológica, com a Lei do Ventre Livre, de 1871; a questão religiosa, em 1874; a libertação dos sexagenários, em 1885; a abolição e a questão militar, em 1888; a república, 1889; a primeira constituição federalista, em 1892; a campanha de Canudos, em 1897; o primeiro *funding-loan*, em 1898.

Esses acontecimentos de grande percussão foram marcante para o Brasil, afetando diretamente e alterando a vida da sociedade brasileira. Fora outros acontecimentos de pouca percussão, mas que são consideráveis das alterações ocorridas no final do século. É nessa contextualização que nasce o naturalismo, todavia, ele começa na década onde a abolição e a república estão acontecendo, e a maioria dos acontecimentos supracitados já haviam acontecido. O movimento "não refletia, portanto, a realidade total do país, em suas formulações e reivindicações, mas os meios urbanos e as forças novas que emergiam (SODRÉ, 1992, p. 193).

2.1 ALUÍSIO AZEVEDO

Aluísio Tancredo Belo Gonçalves de Azevedo conhecido como Aluísio Azevedo, nasceu no dia 14 de abril de 1857 em São Luís do Maranhão e chegou a falecer no dia 21 de janeiro de 1913 com 55 anos. Ocupou a profissão de caricaturista, jornalista, romancista e diplomata. Sofreu influências do francês e escritor Emile Zola e do português, romancista e contista Eça de Queiroz. Suas principais obras são *O Mulato, Casa de Pensão* e *O Cortiço.* Segundo Bosi (2006, p.

187) “Em Aluísio Azevedo a influência de Zola e de Eça é palpável; e, quando não se sente, é mau sinal [...].

E destaca a obra *O Mulato*, de 1881, segundo romance de Azevedo é o percussor do naturalismo no Brasil. Em sua narrativa busca demonstrar aspectos como: o preconceito racial presente na sociedade maranhense e a corrupção advinda do clero. O romance lhe fez ter “[...] renome nacional e o incitou a voltar ao Rio de Janeiro” (MOISÉS, 2009, p. 28, grifo nosso). Dedicou-se inicialmente a produções de folhetins, no entanto, ao desviar-se desse tipo de produção se encaminhou para um formato de naturalismo equilibrado, inaugurando com o seu renomado romance *O Mulato*. Para Moisés (2009, p. 34) Azevedo:

> Como adepto do Naturalismo, partiu de bases científicas para analisar a sociedade considerada decadente, a sociedade burguesa, romântica, brasileira, da segunda metade do século XIX, composta de doentes dos sentidos, sujeitos a imperativos do sangue e do contexto social e a convenções hipócritas.

A obra demonstra um quadro denunciativo e de situações vivenciadas na sociedade maranhense, vivenciado por um personagem mulato que apesar de adequar-se a padrões da sociedade burguesa, não era respeitado e aceito como “um deles” pelo fato de sua cor.

2. A SOCIEDADE COLONIAL: CARACTERÍSTICAS

Ao caracterizar a sociedade colonial podemos dizer que ela é formada por estrangeiros da metrópole, ou seja, pelos integrantes do país colonizador, sejam eles europeus ou não europeus. Os grupos colonizadores exercem papeis diferenciados em relação a colônia, porém não fogem de uma perspectiva, a superioridade sobre a população autóctone ou daquelas trazidas de outras localidades para a exploração da mão de obra. Os de gênese metropolitana por exemplo tem a função, os campos da espiritualidade, da política e da economia, sendo assim um ser mais ativo, já os brancos não metropolitanos e aos asiáticos conhecidos também como *coloured* cuidam das atividades intermediárias ligadas aos comércios. A sociedade colonial, segundo Munanga (2015, p. 25) é temerosa e parte da seguinte premissa:

> [...] teme a ruptura da ordem e do equilíbrio estabelecidos em seu favor. Para que isso não ocorra, encastela-se, intocável, explorando e pilhando a maioria negra, utilizando-se de mecanismos repressivos diretos (força bruta) e indiretos (preconceitos raciais e outros estereótipos).

Embora fosse maior numericamente, a população colonizada deixava-se render, pois o colonizador se valia de inúmeros instrumentos de destruição e da força amedrontadora advindas deles. Várias foram as demonstrações de mortes ao vivo, daqueles que os desobedeciam e tentavam não se render as suas ordens. Suas localidades antes vistas como locais de riquezas, transformam-se em fontes de riqueza e exploração das potências coloniais.

Pelas disputas e posses a sociedade colonizada viveu um processo de fragmentação, as famílias que faziam parte da mesma localidade tornaram-se estrangeiras entre elas mesmas. Dessa forma, delimitou-se os territórios, tais divisões expressam o caráter instrumentalista do povo colonizado, "[...] tais como a humilhação dos chefes, a desorganização das instituições sociorreligiosas, etc." (MUNANGA, 2015, p. 26).

Percebe-se então a construção maniqueísta colonizadora, pois a minoria se apropriava de várias vantagens. Tem-se de um lado o idealismo civilizador e de outro a face instrumentalizada a reducionista, por isso, vale-se também do "[...] discurso legitimador baseado numa argumentação dita científica" (MUNANGA, 2015, p. 26).

A sociedade colonial caricaturada pela dicotomia, conviveu constantemente com a dura violência, isso se deu por ela ser constituída por duas sociedades e essas viviam em contraste relação de força do dominante sobre o dominado. Vale lembrar que além da violência mantida pela força, utilizou-se também de outras estratégias, dentre elas e de forma mais intensiva a discursiva, por meio dos estereótipos e preconceitos. Logo, a diferenciação entre colonizador e colonizado se valia dos aspectos da superioridade e inferioridade.

Para Bonnici (2009, p. 264) "o colonialismo, portanto, gira em torno de um pressuposto no qual o poderoso *centro* cria a sua *periferia*". Ou seja, além da segregação das colônias, houve a separação, ou divisão de dois mundos, constituídas pela hierarquia, da qual o centro consolida-se a partir da existência do colonizado, do outro.

3. AS EXPERIÊNCIAS VIVÊNCIADAS PELOS NEGROS

Muitos discursos foram propagados contra o negro, sua presença em várias localidades deixou “cicatrizes” que se apresentam de forma multifacetada na realidade atual. Entretanto, é preciso lembrar de como os negros eram caracterizados. Conforme Munanga (2015) o negro era nomeado como preguiçoso, retardado, perverso e ladrão, para Schwarcz (2001) como mau selvagem, bárbaro e animalesco, em consonância, Fanon (2008) além do colonizado viver sobre dependência do colonizador, o negro passou por diversas experiências que marcaram e marcam sua vida.

Não iremos nos deter nas intensificadas situações vivenciadas pelos negros no período colonial, mas nas palavras de alguns teóricos compreendemos como o povo colonizado foi nomeado e de que forma eram insultados. Além das fortes agressões físicas, a população negra sobreviveu sobre forte violência simbólica, hora dirigidas pelos múltiplos insultos. Atualmente as situações não se encontram tão diferente, ou se formos fazer uma análise mais aprofundada perceberemos que se encontra até pior.

A situação vivenciada pelo negro na contemporaneidade se intensifica, uma das que estamos em contato constantes seja pelas instituições, pelas pessoas, pelos vários meios de comunicação são os termos injuriosos encontrados e que ouvimos o dia a dia. Como forma de humilhação, os insultos raciais, tem como objetivo principal afastar o insultador do insultado, culminado numa frequência de anomia social e animalidade. Todavia, é importante pensar que a “posição” do insultado vem de um processo histórico construído, por meio de um processo de humilhações e subordinações, até o próprio termo que os identifica como raça, “preto” ou “negro”, já carrega tons pejorativos, sem se quer carregar termos qualificativos.

Assim, os termos passam a carregar estigmas identificadores da formação racial de determinado grupo. Para tanto, Guimarães (2012, p. 183) suscita:

> Mais que o termo, a própria cor adquire tal função simbólica, estigmatizante, como bem demonstra os sinônimos listados em dicionários de língua vernácula: sujo, encardido, lúgubre, funesto, maldito, sinistro, nefando, perverso etc. O estigma pode estar tão bem assentado que é possível, por

> Exemplo, a um negro se sentir ofendido por uma referência tão sutil quanto esta: "também, olha a cor do indivíduo".

Tais termos colaboram de forma direta na rejeição, no preconceito, no racismo, esses constituintes e presentes nas ações do ser humano e enraizados nas práticas da sociedade. Muitas outras situações injuriosas são ouvidas na escola, no grupo de amigos, e em diversos locais públicos, palavras como: "gigolô", "sujo", "carvão", "macaco", entre outros. Logo, o insulto é usado como uma arma ocasionadora de conflitos e de forte lesão psicológica e simbólica.

Há várias situações pelas quais os negros passam, isso é assinalado historicamente, desde o processo de colonização, viveram conjunturas das quais foram rejeitados, torturados, humilhados, e até mesmo mortos em massa. Essas ocorrências se perpetuam até hoje, no entanto, ganharam outras facetas, mas ainda convivem diariamente com as mais horrendas práticas.

4. REFLEXÕES SOBRE A LITERATURA PÓS-COLONIAL

Nos países "novos", ou seja, os que acabaram de sair do colonialismo (séc. XIX), como a África e a Ásia, há uma predominância de produção literária arraigada ao perfil eurocêntrico, haja vista, que está literatura foi escrita por viajantes, missionários, administradores, dentre outros, que estavam vinculados aos terrenos do contexto colonizador. Portanto, era incomum ocorrer produções diferentes da metrópole, ou que mostrasse resistência ao pensamento advindo de fora. Isso ocorria por não haver ainda formas de escritas ou leituras que colaborassem no embasamento de resposta à colonização europeia, aspectos ocorrentes em outras ex-colônias.

Portanto, a literatura pós-colonial é aquela que sofreu com o processo imperial até o presente. Já a crítica pós-colonial, incube-se não só dos trâmites literários, mas também da cultura como um todo, desde e após a dominação imperial, desnudando os efeitos desta, inclusive nas literaturas contemporâneas (BONNICI, 2009).

Por conseguinte, o desenvolvimento da literatura pós-colonial abrange três momentos essenciais: "[...] (1) as etapas de conscientização nacional e (2) a

Asserção de serem diferentes da literatura do centro imperial" (BONNICI, 2012, p. 22). No primeiro momento ainda se desenvolveram textos literários ligados ao centro, pois como já aludido, eram produzidas ainda por representantes que estavam intimamente ligados à metrópole (não-nativos), como, por exemplo, Fernão Cardim (jesuíta português), Jean de Léry (pastor, missionário e escritor francês), Gabriel Soares de Souza (empresário português), entre outros; escritos carregados de conteúdos que tratavam especificamente sobre questões locais, costumes, fauna, flora e a língua. No segundo momento tem-se uma literatura escrita por nativo, porém, em tutela e supervisão da metrópole, como as de Bento Teixeira, Basílio da Gama[4], para exemplificar alguns clássicos da literatura brasileira. E, por último, a produção de textos que culminavam em certa diferenciação da literatura externa até chegar ao ponto de total ruptura com os padrões advindos da metrópole.

Culminante a esse panorama nasce então uma nova maneira de ler os textos emanados da escrita colonial. Corrobora Ashcroft (1998, p. 192) com a questão em afirmar que a literatura pós-colonial é:

> A way of reading and rereading texts of both metropolitan and colonial cultures to draw deliberate attention to the profound and inescapable effects of colonization on literary production; anthropological accounts; historical record; administrative and scientific writing. It is a form of deconstructive reading most usually applied to works emanating from the colonizers (but may be applied to works by the colonized) which demonstrates the extent to which the text contradicts its underlying assumptions (civilization, justice, aesthetics, sensibility, race) and reveals its (often unwitting) colonialist ideologies and processes.[5]

Esse caminho foi colaborativo e decisivo ao que compete a uma literatura brasileira de estranhamento e afastamento dos parâmetros metropolitanos, sejam eles portugueses ou franceses. Em relação à literatura inglesa, provinda das ex-colônias britânicas, mais incisivas foram suas leituras ou releituras, ao utilizarem-se

---

[4] Bento Teixeira e Basílio da Gama são alguns dos exemplos de escritores que se sentiam recompensados por serem educados na metrópole, nesse sentido, escreviam aos padrões europeus para ressaltar essa gratidão. Tem-se outros exemplos como os poetas Gregório de Matos e Manuel Botelho de Oliveira, estes é claro vinculados a uma nova estética, o Barroco.

[5] Uma maneira de ler e reler os textos de ambas as culturas metropolitanas e coloniais para chamar a atenção deliberada aos efeitos profundos e inescapáveis da colonização na produção literária; relatos antropológicos; registro histórico; escrita administrativa e científica. É uma forma de leitura desconstrutiva mais usualmente aplicado às obras que emanam dos colonizadores (mas pode ser aplicada a obras do colonizado), que demonstra a extensão em que o texto contradiz suas suposições subjacentes (civilização, a justiça, a estética, a sensibilidade, a raça) e revela as suas (muitas vezes inconscientes) ideologias e processos colonialistas (Tradução nossa).

da linguagem para ridicularização da figura do colonizador, seja por meio da paródia ou da sátira.

Após a ressalva desses fatores, podemos ainda realçar quatro pontos importantíssimos para o procedimento de reflexões e de ruptura da literatura pós-colonial, dos quais: (1) o questionamento sobre o cânone literário, (2) a releitura (ora já citada), (3) a reescrita e (4) a descolonização.

Nas últimas décadas houve uma grande extensão do cânone brasileiro, em decorrência do crescente número de textos advindos de mulheres, escravos, indígenas, e outros grupos historicamente marginalizados. Por muito tempo, o cânone literário era formado por uma exclusividade de textos, considerados dignos de serem lidos, os quais eram selecionados por um grupo ou classe social politicamente dominante, excluindo, dessa forma, aqueles que não comungavam de mesmo posicionamento ideológico, segundo a opinião ou visão desse grupo hegemônico. Contudo, há uma gama de livros que estão sendo analisados como representatividade e expressividade dos mais variados grupos sociais que passaram por experiências multifacetadas.

Dentro desse direcionamento, acontecem as divergências, dentre elas, a de Harold Bloom[6], crítico literário estadunidense, que em sua obra "Cânone Ocidental: os livros e a escola do tempo" de (1995), "[...] insiste sobre a autonomia do estético e deplora qualquer ideologia na crítica literária, os adeptos do Pós-modernismo (multiculturalismo, feminismo, Novo Historicismo, afrocentrismo) dilatam a abrangência do cânone [...] (BONNICI, 2009, p. 269), logo, podemos pensar que esse direcionamento da cultivação e do mantimento do cânone literário se constituía de obras abarcadas de interesses políticos e culturais particulares, não abrindo espaços para outros viés que fugissem de seus propósitos. Surgiram ainda muitas reações de repúdio dos críticos diante desta nova inserção estética e que consideravam uma ofensa à quebra de autonomia desta hegemonia e da expansão de critérios para a escolha dos cânones.

Não foi à toa que o posicionamento hegemônico suprimiu todos os textos do século XIX e das primeiras décadas do século XX, de mulheres brasileiras, pois encontravam-se inseridas em contexto predominante do patriarcalismo. Todavia,

---

[6] Professor humanista, que ficou conhecido por valorizar os poetas românticos do século XIX, e influenciados por vários personagens como Shakespeare, Freud, Walt Whitman, entre outros.

tanto no Brasil, quanto em outras localidades, houve o resgate desses textos, sendo assim agrupados ao cânone, expandindo-o de forma a garantir a entrada de outras expressões estéticas, advindas das mais heterogênicas experiências culturais.

No que tange à releitura, tem como objetivo ler os textos, sejam literário ou não, agindo como filtradora das implicaturas da prática imperialista em consequência do processo colonial. A reinterpretação vai funcionar como motor impulsivo revelador das barbáries e das imposições implantadas pelo colonizador. Frisa Bonnici (2009, p. 270) a respeito:

> A reinterpretação faz parte da inevitável tendência do acadêmico que trabalha com o pós-colonialismo para subverter o texto metropolitano. As estratégias subversivas revelam (1) a forma da dominação e (2) a resposta criativa a esse fato. Isso acontece quando (1) se denuncia o título de "centro" que as literaturas europeias deram a si mesmas, e (2) se questiona o ponto de vista europeu que "natural e constantemente" polariza o centro e a periferia.

Compreende-se então, a estratégia de releitura como um olhar/sistema contra-panóptico[7], em vez de vir de cima para baixo, subverte-se direcionando-o de baixo para cima. Analisa-se o texto não somente por suas desdobraduras estéticas, mas por seu teor social e cultural. Exemplificando, ao tomar o texto *A tempestade*, de Shakespeare, que acredita-se ter sido escrito entre os anos de 1610-1611, desvenda-se ao realizar o processo de releitura, estratégias de colonização e de resistência, ou, a de Jane Austen, *Mansfield Park*, publicado pela primeira vez em 1814, que desnuda o ambiente escravagista da riqueza adquirida pelos britânicos. Através dos exemplos, pode-se compreender a atitude da releitura.

Ao que envolve a reescrita[8], é tomada como um contra-discurso, ao se apropriar da fala da periferia em detrimento da fala dominante do centro, referencia-se o texto canônico como ponto inicial, e a partir deste, usa-se outros recursos, como a paródia, para uma reelaboração, ou melhor, o surgimento de uma nova escrita. "Vários autores latino-americanos reescreveram *A tempestade.* Além das obras de George Lamming e Aimé Césaire, basta mencionar *A tempestade,* de Augusto Boal, *Utopia selvagem*, de Darcy Ribeiro, a peça *Caliban* (1997), de Marcos Azevedo, [...]" (BONNICI, 2009, p. 271). Reescritas traçadas com viés/olhar das ex-

---

[7] "É um sistema de supervisão, consequência do poder sobre o sujeito outremizado, o qual é ameaçado por todo tipo de reprovação moral e cultural e de exclusão" (BONNICI, 2009, p.260).
[8] Cf. em: Conceitos-chave da teoria pós-colonial de Thomas Bonnici (2005, p.48-49).

colônia, ferramentas importantíssimas para pensar na representação de dominação, resistência e discurso.

Nessa perspectiva, o deslocamento do cânone literário, a releitura, a reescrita são roupagens instrumentais bases para a descolonização. Visto que, ela "[...] é o processo de desmascaramento e demolição do poder colonial em todos os seus aspectos [...]" (BONNICI, 2009, p. 272). A academia assume papel vital e discursivo, no que diz à respeita da descolonização da mente, apropriando-se da conscientização e de uma postura pós-colonial. A primórdio, a tarefa de descolonizar não é somente estar livre das correntes implantadas pelo poder imperial, mas abastecer-se de opções não torturadoras do discurso colonial.

5. *O MULATO*: SITUAÇÕES E ENFRENTAMENTOS DO NEGRO

O negro passou pelas mais diversas humilhações, desde o período colonial foi exposto de forma brutal pela sociedade que os dominavam, chamada de colonizadora. A população colonizadora não abria espaços e muito menos dava direitos a população negra, ora trazida para o Brasil com o intuito de ser explorada, caso não fizessem o que era ordenado acabavam sofrendo as piores situações de sofrimento, sem dó e sem o menor escrúpulo. Tais atitudes não pararam com o passar do tempo. Apesar das revoluções de pequenos grupos e da Abolição da Escravatura, no país perpetuaram-se a discriminação e o preconceito em relação ao negro. O preconceito de cor se faz presente na atualidade e também suas significações:

> O preconceito de cor ou de raça tem geralmente como alvo o "negro", o "preto", o "amarelo", o "pardo" ou o vermelho" (pele vermelha), dificilmente o "branco". Por quê? Alguns responderiam que a dualidade primária é branco/preto, claro/escuro, dia/noite; que em toda parte, em todos os tempos, o branco sempre simbolizou as virtudes do bem, enquanto o negro significou o seu contrário – o sinistro, o mal, os defeitos (GUIMARÃES, 2012, p. 11).

Dentro da perspectiva colonial e ao se tratar do Brasil, branco e negro viveram essa dualidade e ainda vivem. Não só nas atitudes humanas percebeu-se os fortes resquícios da sociedade colonizadora, mas a literatura guarda em seu arcabouço, situações ficcionais que colaboram para a expressão de determinado contexto. Na obra *O Mulato* de Aluísio Azevedo de 1889, os personagens negros

vivem situações desqualificadas e tem papéis irrelevantes na sua maioria quanto a sua posição social, direitos e até mesmo o de casar-se e ser aceito, apesar de ter uma qualificação educacional relevante. Entenderemos esse processo ao adentrarmos na narrativa da obra supracitada.

A personificação do negro enquanto mão de obra perpassou décadas, a sociedade burguesa em especial a do Maranhão, configurou uma espécie de colônia local, e como já dito, apesar da abolição da escravatura propagou-se por mais algumas décadas as atitudes pejorativas e discriminatórias. Os negros na sociedade burguesa maranhense serviam como meros trabalhadores, essa situação é visível quanto se reportam ao negro na obra, "só os pretos faziam as compras para o jantar ou andavam no ganho" (AZEVEDO, 1889, p. 15). Apesar de todo o trabalho de servidão ainda eram caluniados pelos serviços que realizam, D. Amância Souselas, idosa de grande memória e contadora de histórias, acredita que os negros tinham muita liberdade, para ela:

> Dantes, os escravos tinham que fazer! Mal serviam a janta, iam aprontar e acender os candeeiros, deitar-lhe novo azeite e colocá-los no seu lugar... E hoje? É só chegar o palitinho de fogo à bruxaria do bico de gás e... caia-se na pândega! Já não há tarefa! Já não há cativeiro! É por isso que eles andam tão descarados! Chicote! chicote, até dizer basta! que é do que eles precisam. Tivesse eu muitos, que lhes juro, pela benção de minha madrinha, que lhes havia de tirar o sangue do lombo! (AZEVEDO, 1889, p. 59).

O pensamento escravocrata ainda pairava no contexto maranhense, as falas e as atitudes eram constante, D. Amância é apenas uma representação de tantas outras sociedades conservadoras, da qual ver o sujeito negro como mero instrumento de trabalho e que tal situação deveria continuar, haja vista a "grande liberdade" dada a essa "gente". Pelo seu relato, o descanso não deveria ser dado aos negros, por ela trabalhariam de sol a sol sem tréguas e sem repousos. Deveriam viver como antes, num processo de cativeiro constante, ou seja, trabalho pesado, caso negasse-se, estariam expostos a chicotadas. Parecia trazer à tona o reflexo do colonialismo, da qual "a opressão, o silêncio e a repressão das sociedades pós-colonial decorrem de uma ideologia sujeito e de objeto mantida pelos colonizadores (BONNICI, 2009, p. 265). Vivencia-se uma relação forjada no sujeito e no objeto, é olhar do Outro sobre o outro.

Quando se reportava a descrição do ambiente, no qual o negro estava inserido, valiam-se das mais horrendas descrições, podemos perceber no fragmento a seguir:

> A Praça da Alegria apresentava um ar fúnebre. De um casebre miserável, de porta e janela, ouviam-se gemer os armadores enferrujados de uma rede e uma voz tísica e aflautada, de mulher, cantar em falsete a "gentil Carolina era bela"; do outro lado da praça, uma preta velha, vergada por imenso tabuleiro de madeira, sujo, seboso, cheio de sangue e coberto por uma nuvem de moscas, apregoava em tom muito arrastado e melancólico: "Fígado, rins e coração!" [...] (AZEVEDO, 1889, p. 15).

A caracterização da presença do negro expõe um quadro totalmente discriminatório, temos, por exemplo, o contraste entre alegria e tristeza, a Praça da Alegria se torna simbólico na narrativa, pois o "ar fúnebre", isto é, a tristeza naquele ambiente é causada pelo ser negro, ora introduzido entre os sujeitos que representam a felicidade da nação, a população branca. A situação da "preta velha" nos remete a lembrança dos escravos colocados sobre os troncos e levados a chibatadas. Outro aspecto a ser considerado é a presença do sangue, tal representação leva-nos a pensar no sangue derramado dos negros e que ainda está presente em muitos contextos atuais. A "nuvem de mosca" de forma alegórica expõe que todos os negros são vistos dessa forma, suas presenças representam a escuridão, a melancolia, a aflição. Em comunhão reflete Schwarcz (2001), pois os negros eram visualizados como anti-humanidade, degeneração humana, monstruosos, bárbaros, etc. tais descrições demonstram a penalização que os negros sofrem de aspectos históricos e culturais criada por uma sociedade burguesa e exploradora.

A personificação do negro quanto a sua caracterização e o tratamento por causa de sua cor não deixava a desejar. Vejamos nos excertos:

> [...] as peixeiras, quase todas negras, muito gordas, o tabuleiro na cabeça, rebolando os grossos quadris trêmulos e as tetas opulentas (AZEVEDO, 1889, p. 15).
>
> [...] o sertão da província está cheio de mocambeiros, onde vivem os escravos fugidos com suas mulheres e seus filhos, formando uma grande família de malfeitores (AZEVEDO, 1889, p.48).
>
> [...] contavam que nas ruínas de São Brás vivia uma preta feiticeira [...] (AZEVEDO, 1889, p. 53).
>
> Foi interrompido por Benedito que, nu da cintura para cima e acossado pela velha Bárbara, atravessou a sala com uma agilidade de macaco (AZEVEDO, 1889, p. 63).

> “Preto é preto; branco é branco! Moleque é moleque; menino é menino!” e estava sempre a repetir que o Brasil teria ganho muito, se perdesse a Guerra dos Guararapes (AZEVEDO, 1889, p. 67).

As descrições físicas dos negros denotam tamanha rejeição do corpo e da cor. “Gordas”, “mocambeiros”, “malfeitores”, “macaco”, “preto”, são fenótipos discriminatórios. E não para por aí, em quase todas as páginas da narrativa há demonstração desse quadro. Comparação com animais se torna comum nas falas dos personagens, além de macaco como descrito acima, a palavra cabra aparece muitas vezes no texto.

O que ainda chama a atenção a afirmação do fragmento da página 67 supradito, nos conduz a entender que o negro tem o seu lugar e de nenhuma forma pode misturar-se ou ocupar outros lugares, principalmente ao tratar de posição social. A insinuação esnoba que se faz a Guerra dos Guararapes fere diretamente a dignidade do negro, já que eles faziam parte do exército combatente, isto é, nenhum mérito deveria ser dado a eles. Por isso a justificativa de que o “negro torna-se, então, sinônimo de ser primitivo, inferior, dotado de mentalidade pré-lógica (MUNANGA, 2015, p. 24). Reduzido aos seus por menores, a sociedade colonizada sempre sofreu por causa de sua gênese e cor de pele.

A difamação as mulheres negras ocorrem de forma constante, sua dignidade era atingida diretamente. Não só eram vistas como empregadas, mas como objetos sexuais, prostitutas, e mulheres sem higiene.

> [...] As negras, principalmente as negras! ... São umas muruxabas, que um pai de família tem em casa, e que dormem debaixo da rede das filhas e que lhes contam histórias indecentes! É uma imoralidade! Ainda outro dia, em certa casa, uma menina, coitada, apareceu coberta de piolhos indecorosos, que pegara da negra! Sei de outro caso de uma escrava que contagiou a uma família inteira de impigens e dartros de caráter feio! E note, doutor, que isto é o menos, o pior é que elas contam às suas sinhazinhas tudo o que praticam aí por essas ruas! Ficam as pobres moças sujas de corpo e alma na companhia de semelhante corja! Afianço-lhe, meu caro senhor doutor, que, se conservo pretos ao meu serviço, é porque não tenho outro remédio! Contudo... (AZEVEDO, 1889, p. 63)

As adjetivações atribuídas as negras não são as melhores, termos e discursos que menosprezam essa raça, “Muruxabas” são as pessoas (mulatas) que não tem bom comportamento, isso prevalece em muitas partes da narrativa, além disso são denotadas por contar histórias indecentes, imorais. Menosprezadas por serem má comportadas e não são vistas com bons olhos por causa de sua falta de higiene, além disso, suas presenças são manifestações que contaminam aqueles

que vivem aos seus arredores. Parece-nos retrucar incansavelmente a realidade vivida pelos negros, “Preto sujo!” Ou simplesmente: “Olhe, um preto” (FANON, 2008, p. 103).

Diversos são os personagens que podemos citar em relação aos discursos contra os negros, todavia, vale destacar a personagem de Dona Maria Bárbara sogra de José pai de Raimundo, e Dona Quitéria Inocência de Freitas Santiago, filha de Bárbara. Elas valiam-se de muitas manobras, e suas posições em relação a essa população eram ferrenha, sem escrúpulos nenhum. Para demonstrar uma das cenas de grande expressividade de violência, foi quando Quitéria maltratou a negra Domingas, amante de José e a qual teve um filho dele,Raimundo.

> Estendida por terra, com os pés no tronco, cabeça raspada e mãos amarradas para trás, permanecia Domingas, completamente nua e com as partes genitais queimadas a ferro e brasa. Ao lado, o filhinho de três anos, gritava como um possesso, tentando abraçá-la, e, de cada vez que ele se aproximava da mãe, dois negros, à ordem de Quitéria, desviavam o relho das costas da escrava para dardejá-lo contra a criança. A megera, de pé, horrível, bêbada de cólera, ria-se, praguejava obscenidades, uivando nos espasmos flagrantes da cólera. Domingas, quase morta, gemia, estorcendo-se no chão. O desarranjo de suas palavras e dos seus gestos denunciava já sintomas de loucura (AZEVEDO, 1889, p. 43).

Não é de se esperar atitude diferente, haja vista que não considera o negro um ser humano, e só pelo fato de não ter nascido branco o considerava um crime. Utilizavam-se de sua autoridade para maltratar, Dona Bárbara assim é descrita, “era uma fúria! Uma víbora! Dava nos escravos por hábito e por gosto [...] (AZEVEDO, 1889, p. 18). Quando se referia a um preto o denominava de “sujo” e a um mulato “o cabra”, essa discriminação representa o quadro e realidade maranhense, obrigava seus trabalhadores negros a rezarem e muitas vezes algemados, um verdadeiro retrato das senzalas. Mãe e filha sem piedade nenhuma são reflexos do preconceito arraigado numa sociedade marcada pela diferenciação de classe e dos discursos pseudojustificativos. Para Munanga (2015, p. 34) “o colonizado é, assim, remodelado em uma série de negações que, somadas, constituem um retrato-acusação, uma imagem mítica”.

Entrementes, as situações e fatos ocorridos, o personagem que passa por grande discriminação e é rejeitado do início ao fim é Raimundo. Filho de José e da negra Domingas, Raimundo apesar de não ser revelado como filho para muitos, antes de sua morte deixa algumas heranças e recomendações para o seu grande amigo Manuel Pescada, pai de Ana Rosa. Para não nos debruçarmos de forma

detalhada, mas alcançarmos os pontos mais interessantes, destacaremos as passagens que demonstram a discriminação dirigida ao personagem Raimundo.

Apesar de ter sido enviado para a Europa, ter recebido boa educação, ter se formado em Direito e viajado por vários locais, Raimundo ao retornar para o Brasil não escapa da realidade vivenciada pelos negros ali naquela província de São Luís do Maranhão. Desde os anúncios por meio de carta enviada para o seu tio Manuel Pescada já se desdobravam tal contexto, "[...] nem precisa cá vir, porque...
continuou Diogo, abaixando a voz, ninguém aqui lhe ignora a biografia; todos sabem de quem ele saiu!" (AZEVEDO, 1889, p. 29). A biografia de Raimundo era um sintoma de repugnação por parte da classe burguesa e branca, outros fatores não eram tão observados e valorizados. Vivencia-se a realidade exposta. Por Fanon (2008, p.106-107) "o preto é um animal, o preto é ruim, o preto é malvado, o preto é feio; olhe um preto [...].

Tornou-se um rapaz bonito e educado, por isso Ana Rosa, filha de Manuel Pescada acaba se apaixonando por ele e ele por ela. Toda trama de desrespeito, não aceitação, indiferença se dá por essa questão. Muitas das dúvidas de Raimundo quanto a essa rejeição faziam com que ele se auto questionava:

> "Sua mãe, porém, quem seria?..." Talvez alguma senhora culpada e receosa de patentear a sua vergonha!... "Seria boa? Seria virtuosa?...
>
> Raimundo perdia-se em conjunturas e, malgrado o seu desprendimento pelo passado, sentia alguma coisa atraí-lo irresistivelmente para a pátria. "Quem sabia se aí não descobriria a ponta do enigma"... Ele, que sempre vivera órfão de feições legítimas e duradouras, como então seria feliz! [...] (AZEVEDO, 1889, p. 40-41).

Os questionamentos corroíam sua mente, e além de não saber de sua origem era julgado por ela. Os julgamentos entranhados nas pessoas que o cercavam e na sociedade faziam com que muitas tomadas de decisões não fossem de sua vontade. Foi negado a casar-se com Ana Rosa por ser branca. Seus familiares e pessoas próximas cogitaram de todas as formas para que os dois não se casassem ou fugissem juntos. É visível a negação total dessa comunhão. Na fala do Conego Diogo e Dias pretenso homem a casar-se com Ana Rosa.

> [...] E o outro? o outro é simplesmente um intruso que lhe surge pela frente,
> é um especulador de ocasião, é um aventureiro que quer apoderar-se daquilo que você ganhou! O que pois lhe compete fazer? – Repeli-lo! Fizeram-lhe todas as admoestações; ele insiste – mate-o! Qual é o direito dele? Nenhum! Um negro forro à pia não pode aspirar à mão de uma senhora branca e rica! É um crime! é um crime, que o facínora quer, a todo

> transe, perpetrar contra a nossa sociedade especialmente contra a família do homem a quem você se dedicou [...] (AZEVEDO, 1889, 232).

Raimundo é a figura contraditória da sociedade maranhense, estava fora dos padrões para casar-se com uma pessoa casta e branca. Ana Rosa apesar de estar apaixonada por ele, não a deixam que se aproximem. Ela não se importa com o que diriam e com a cor de Raimundo, o mais importante era ser feliz. O Conego trama junto com dias a morte de Raimundo e consegue realizar, pois ele é morto.

Era fremente tal marginalização, Raimundo tinha vinte e seis anos de idade, segundo a narrativa o que ainda salvava aquele retrato de brasileiro acabado era os seus grandes olhos azuis. O que podemos destacar diante de tais fatores é a subalternização da comunidade negra, pois sua posição social estava atrelada aos serviços da mais baixa escala, em detrimento do contexto burguês, além disso, o personagem Raimundo é totalmente julgado pela cor de sua pele. Brasileiro, educado no exterior, advogado, boa conduta, nada disso era valorizado, ser negro, ou mulato, era o designo para não ser valorizado, caluniado e retido de direitos enquanto cidadão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ponderações, os discursos teóricos, a obra em tela, expuseram as várias situações de preconceito vivenciada pelo negro ainda em pleno século XIX, pós-abolição. Apesar da abolição da escravatura, muitas comunidades ou sociedades não compreenderam o processo a ser feito, ou não se renderam as propostas que foram feitas, haja visto que precisam de pessoas que pudessem colaborar de forma direta na mão de obra escrava.

A obra *O Mulato* revelou de forma escancarada os discursos, as situações e os dilemas que precocemente perduram até hoje. As personagens colaboram para a demonstração de um quadro de total discriminação. Mulheres negras, julgadas como sujas e prostitutas, homens negros vistos como animais, subalternizados e caracterizado por simplesmente meros empregados e serviçais.

Raimundo o personagem principal apesar de estudar no exterior, ter uma boa profissão, ser uma pessoa viajada, ao retornar para o Brasil não é bem recebido. Os

questionamentos arrolam sobre sua vida, porque não o aceitavam, porque ouvia rumores sobre ele, porque não cederam o casamento com Ana Rosa, entre tantos outros fatores. O que dá para compreender é que Raimundo morre sem entender o porquê de tudo isso, sobre ele não lesava a questão do fenótipo da cor, parecia não enxergar que a sociedade maranhense ainda vivia sob uma postura tradicionalista e que os negros deveriam ser meros serviçais e fazer todos os trabalhos duros e pesados.

Ana Rosa compreendia todo aquele alvoroço, mas estava disposta a enfrentar todos e tudo para estar com Raimundo. Vale lembra que pesava sobre a sociedade maranhense o tradicionalismo religioso, que hora colaboravam para a prática da exploração e violência contra o negro. Tais questões expostas nesse trabalho nos levaram a pensar que em pleno século XXI, ano 2017, ainda perduram atitudes semelhantes à da obra. A narrativa de Aluísio Azevedo colabora de forma significativa e expressiva para pensar a situação da sociedade negra nos dias atuais. Ainda exposta as muitas mazelas de preconceito, discriminação e ainda mais da dura violência, os negros tentam viver em meio a uma sociedade inescrupulosa e intolerante.

Esse Trabalho de Conclusão de Curso – TCC é apenas uma pequena reflexão acerca da temática proposta, articulada por alguns teóricos que constituem um quadro significativo, contudo, apesara de haver muitas discussões em relação ao tema, é necessário o aprofundamento deste, pois os desdobramentos do preconceito e discriminação estão multifacetados na conjuntura atual, não da mesma forma que ocorria em outros séculos, mas presente como nunca.

REFERÊNCIAS

ASHCROFT, Bill *et all.* **Key Concepts in Post-Colonial Studies**. London: Routledge, 1998.

BONNICI, Thomas. **Conceitos-chaves da teoria pós-colonial.** Maringá. PR: Eduem, 2005.

_____. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, Thomas, ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria literária:** abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. Rev. e ampl. – Maringá: Edduem, 2009.

_____. **O pós-colonialismo e a literatura:** estratégia de leitura. 2. ed. – Maringá: Eduem, 2012.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira.** – 43 ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.

FANON, Frantz. **Pele Negra, máscaras brancas.** – Salvador: EDUFBA, 2008.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Classes, Raças e Democracia.** – São Paulo: Editora 34, 2012.

_____. **Preconceito racial: modos, temas e tempos.** – 2ª. ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude:** usos e sentidos. – 3. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira.** São Paulo: Editora Cultrix, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Racismo no Brasil.** – São Paulo: Publifolha, 2001.

SODRÉ, Nélson Werneck. **História da literatura brasileira.** – 7. ed. atualizada. – São Paulo: DIFEL, 1982.

_____. **O naturalismo no Brasil.** – 2.ª edição. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.